

## **CONVERGÊNCIAS, DIVERGÊNCIAS E INTERSEÇÕES:**

### **DIALÓGOS SOBRE MONTANHISMO**

Prof. Cleber Augusto Gonçalves Dias

PPGHC/IFCS/Universidade Federal do Rio de Janeiro

*Recebido em 20 de março de 2007*

*Aprovado em 17 de maio de 2007*

#### **Resumo**

O objetivo deste trabalho é refletir sobre algumas possibilidades de interpretação do montanhismo. Para isso, tomamos o trabalho de uma pesquisadora australiana como ponto de partida. Desse modo, busca-se uma interlocução sobre os significados do montanhismo a partir da confrontação entre representações de dois contextos bastante diferentes. Nesse sentido, pretende-se destacar a presença de uma forte pluralidade e multiplicidade de sentidos nessa prática esportiva a fim de explorar como esse tipo de proposição teórica pode se articular com os desafios lançados para os estudos do esporte.

Palavras-Chave: montanhismo, esporte.

#### **Abstract**

The objective of this work is to reflect on some possibilities of interpretation of the sport of mountaineering. For this we take the work of an Australian researcher as our starting point. In this way, an interlocution on the meanings of the mountaineering from the confrontation between representations of two markedly different contexts is attempted. In this way, it is intended to highlight the presence of a strong plurality and multiplicity of meanings in this sport so as to explore how this type of theoretical proposal can be articulated with the challenges presented by the sport studies.

Keywords: mountaineering, sport.

#### **Introdução**

“Duvidar de tudo ou crer em tudo. São duas soluções igualmente cômodas, que nos dispensam, ambas, de refletir”.

Henri Paincore

O objetivo deste trabalho é refletir sobre algumas possibilidades de interpretação do montanhismo. Busca-se explorar os possíveis significados desta prática que, aos olhos dos não-praticantes ou dos pouco familiarizados aos seus códigos, parece, quando muito, um hábito excêntrico. Nessa tarefa gostaria de tomar como ponto de partida um texto de Jackie Kiweia (2006) intitulado “Reescrevendo o script heróico”.

A partir da forma como os sentidos do montanhismo são construídos, descritos e interpretados nesse trabalho é possível entabular, heurísticamente, questões a respeito dos discursos e representações produzidos nesse esporte. Avançando, é possível indagarmo-nos a respeito da própria natureza das pesquisas sobre o fenômeno esportivo ou ainda problematizarmos temas ligados a maneira como tais objetos têm sido estudados no âmbito das Ciências Sociais ou mesmo os critérios de cientificidade e as formas de condução e interpretação da realidade esportiva. Em resumo, trata-se de perguntar, a partir de um olhar sobre o montanhismo, em que medida os dados empíricos não podem se transformar numa generalização grosseira – ao que alguns críticos costumam chamar de “sociologismo abstrato”?

### **Proposições básicas**

Apoiada na “Teoria da Ação Comunicativa” de Habermas, a proposição básica do trabalho de Kiweia é de que a prática da escalada favorece o surgimento de relações sociais organizadas sob uma lógica “comunicativa”, isto é, um tipo de relacionamento interpessoal desenvolvido de modo que o parceiro não seja reduzido a uma condição de mero instrumento de realização das necessidades do outro. Nas palavras da autora, “este estudo apóia a noção de que o contexto da escalada facilita a ação comunicativa aberta, que pode substituir a ação estratégica (desenvolvida para influenciar o parceiro a fim de atender às suas próprias necessidades)” (p. 174).

Um outro argumento central nesse trabalho é aquela que entende o montanhismo como uma oportunidade de se obter o *status* de herói, ou seja, um entendimento de que os atributos heróicos contribuem de maneira decisiva para a identidade do escalador. Segundo a autora, os próprios equipamentos, misteriosos e excêntricos, fornecem elementos para a construção dessa áurea heróica. Em resumo, a autora também vê na escalada um estilo de vida modulado pelo heroísmo. E na medida em que, de acordo com a proposição anterior, a maneira como as relações são estabelecidas e se re-configuram (no sentido de prevalecer uma lógica mais relacional ou comunicativa) o tipo heróico dramatizado na escalada também se re-configura. Nos termos assinalados por Keweia, a escalada “reescreve o script heróico”.

Essas duas proposições básicas estão co-relacionadas. São, em verdade, decorrências óbvias uma das outras. A re-elaboração dos atributos simbólicos do heróico ou o surgimento de um heroísmo “alternativo”, está vinculado ao surgimento de um outro tipo de relacionamento social, amiúde pautado sob o prisma de um “agir comunicativo”.

Essas diferenças entre os atributos heróicos da escalada e os tradicionais concentram-se principalmente na ausência de qualquer ênfase na conquista, no desejo elevado de proteger o ambiente natural e na reconciliação da ação com o relacionamento (Kiweia, 2006, p. 175).

Pode-se perceber, portanto, três categorias principais responsáveis, tanto pela re-escritura do script heróico, quanto pelo surgimento de relações comunicativas: 1- “a ausência de qualquer ênfase na conquista”, 2- “o desejo elevado de proteger o ambiente natural” e 3- “a reconciliação da ação com o relacionamento” – que pode ser um companheiro de escalada ou a própria natureza.

A partir daí, a questão que se apresenta é: em que medida tais conclusões podem ser aplicáveis a um contexto além daquele investigado pela autora? Até que ponto as relações de amizade surgidas durante a prática do montanhismo redimensionam, de maneira generalizada, os atributos e os significados do que é ser heróico? Continuemos analisando os elementos com os quais a autora sustenta sua argumentação.

## **1- A reconciliação da ação com o relacionamento**

Todas as conclusões assinaladas por Kiweia estão baseadas num rigoroso estudo realizado a partir do convívio com outros escaladores e escaladoras em situações esportivas, ao qual se acrescentaram entrevistas, questionários e alguns outros instrumentos de observação. Todo o grupo que serviu de base para as análises era composto por praticantes de “escalada tradicional” na Austrália. Entende-se por escalada tradicional, uma modalidade específica do montanhismo, reconhecido como diferente quando comparado a outros comportamentos possíveis no universo do montanhismo. Mais do que reconhecer essa diversidade, a autora recomenda tal diferenciação para fins acadêmicos.

No entanto, mesmo eliminando-se grupos praticantes de outras modalidades de escalada e concentrando-se exclusivamente no universo dos “escaladores tradicionais”, seria correto enxergar uma possível unidade entre esses praticantes tradicionais? Em outras palavras, mesmo entre os praticantes da escalada tradicional não existem diferenças que precisam ser consideradas? Ou seria mesmo o caso de todos os participantes desse grupo compartilharem um conjunto de valores de tal forma que a maneira como cada um dá sentido a suas vivências serem, de fato, comum?

Uma das características apontadas pelo estudo de Kiweia diz respeito ao surgimento de fortes laços de sociabilidade entre os escaladores. O estabelecimento de intensos vínculos afetivos a partir do convívio em situações esportivas na montanha tem sido apontado como uma característica muito marcante nesse tipo de esporte. No trabalho de Kiweia, especificamente, essa característica ganha relevância ainda maior, pois ajuda a sustentar o argumento de que a escalada seria, finalmente, propícia a aparição de relacionamentos comunicativos ou da “reconciliação da ação com o relacionamento”. A autora cita estudos que

assinalam que o “estar com um bom amigo” pode se apresentar como o terceiro elemento mais apreciado numa escalada.

A interdependência entre os escaladores, onde a segurança de um está condicionada pela do outro, onde a corda que prende os escaladores uns aos outros assume um simbolismo de ligação, incentivaria um estilo de comunicação mais relacional, isto é, mais comunicativo e menos estratégico. Ressalta-se que certos montanhistas vêm na união com os outros um êxtase em si mesmo (p. 158). Outros estudos, como os de Sandoval Monteiro (2003), apontam e destacam essas mesmas características.

Matizando a análise, Kiweia também cita estudos que dizem que é comum a inimizade entre membros de uma equipe de escalada. Nesse sentido, a maneira como Jean-Jacques Annaud retratou a antipatia mútua entre Heinrich Harrer e os demais integrantes da expedição alemã ao Nanga Parbat, no filme *Sete Anos no Tibet*, é um bom exemplo. De maneira igualmente ilustrativa pode-se mencionar a insolúvel polêmica envolvendo Walter Bonatti surgida durante a expedição italiana ao Aconcágua em 1954. Nesse episódio, Bonatti foi acusado de ter exposto Hunza Mahdi, seu companheiro de escalada, a uma situação excessivamente perigosa. Ao regressar a Itália, os integrantes da equipe se envolveram numa intensa troca de acusações e as polêmicas provenientes do incidente desencadearam até mesmo um processo judicial, ao qual Bonatti foi absolvido. Mas o mal-estar perdura até os dias de hoje (Desnível, 1999).

Ainda assim, Kiweia chama a atenção para a primazia atribuída a construção de relacionamentos em detrimento de outras motivações, notadamente aquelas ligadas à habilidade técnica ou a capacidade atlética.

Krakauer (1999), descrevendo situações em que escaladores se vêem obrigados pelas condições meteorológicas a ficarem trancafiados na barraca por um período prolongado de

tempo, sugere critérios para a escolha de companheiros de aventura que apontam nessa mesma direção.

Criaturas sociais que somos é primordialmente para nossos companheiros de barraca que nos voltamos a fim de buscar alívio da monotonia que se cria pelo confinamento forçado. Todo cuidado é pouco na seleção desses companheiros. Deve-se dar ao repertório de histórias que o candidato é capaz de contar, ao seu estoque de fofocas, ao senso de humor que ele desenvolve em condições de tal confinamento pelo menos o mesmo peso que à sua resistência física ou à sua especial habilidade para escalar gelo (p. 63).

Esse comentário reforça a idéia de que a empatia e a ligação afetiva com determinadas pessoas são importantes elementos para a sua eleição como companheiro preferido de escaladas. O fato de dois escaladores estarem ligados por uma corda, onde a queda de um pode significar a queda do outro, quando “você está confiando a sua vida naquela pessoa” faz com que a afinidade seja o principal parâmetro para a escolha do parceiro de escalada. Mas, dependendo dos objetivos e da maneira como o praticante encara o esporte, a habilidade técnica e o condicionamento físico também podem aparecer como importantes critérios nessa escolha.

A autora faz apontamentos sobre as diferenças entre homens e mulheres. Segundo Kiweia, no momento do estabelecimento de critérios para a escolha do parceiro ideal de escalada, as mulheres valorizam o relacionamento enquanto os homens tendem a valorizar a eficácia. Nas suas palavras: “a amizade é uma qualidade importante que as mulheres buscavam em suas parceiras”. Ao mesmo tempo, a autora não perde de vista esse tipo de inclinação entre homens quando diz “homens, assim como as mulheres, estão concentrados nos relacionamentos na escalada” (p. 169).

Aqui, a exemplo do que ocorre com relação à concepção sobre natureza (se parceira ou se adversária), também seria correto anotar uma certa diversidade. Alguns escaladores (ou mesmo escaladoras), preocupados com seu aprimoramento técnico ou temerosos com os riscos provenientes da possível falta de experiência dos seus parceiros, preferem ter no nível de habilidade um critério primordial no momento da escolha. Existem ainda aqueles

esportistas que preferem, inclusive, abrir mão da companhia de alguém para se lançarem solitariamente rumo ao desconhecido.

Ainda assim, a opção em escalar solitariamente parece estar mais associada à busca por maiores desafios do que uma a solidariedade do mundo das montanhas. Os elevados riscos envolvidos numa escalada desse tipo intensificam tremendamente as sensações que podem ser extraídas dessa experiência. Portanto, a decisão em não ter parceiros de escalada não está ligada, necessariamente, a uma recusa dos ideais de fraternidade do montanhismo. No fim, é bem verdade que a maioria dos escaladores preferem uma má companhia a companhia nenhuma.

## **2- A ausência de qualquer ênfase na conquista**

Outra questão importante assinalada pela autora diz respeito a noção de que há uma ausência de qualquer ênfase na conquista. No grupo investigado não há nenhuma menção ao termo “conquista”. De acordo com os termos sugeridos por Kiweia, isso seria uma evidência de que escaladores “apóiam a idéia de que o respeito pelo ambiente natural substitui o respeito pela vida humana<sup>1</sup>” (p. 171). A ação esportiva permitiria então o surgimento de uma atitude reconciliadora com a natureza, numa cultura (Ocidental) marcada fortemente pelo antagonismo homem-natureza.

Em outro trecho, pode-se ler:

Os escaladores constroem sua atividade usando termos como ‘superar um desafio’, ‘ir mais além’, ‘forçar os limites’ e ‘dar o melhor de si’. Essa linguagem remove efetivamente qualquer sentido de que o escalador está em conflito com o ambiente natural, que pode ser construído como um local que é sagrado e vulnerável (p. 165).

Seguindo as questões que já havia pontuado anteriormente, não se trata de contestar tais conclusões. O importante é tentar saber se isso é uma conclusão válida a todo o universo do montanhismo ou uma especificidade do grupo em questão.

No Brasil, a utilização do termo conquista para descrever o ato de chegar ao cume de uma montanha pela primeira vez continua plenamente em voga. Recentemente, lançou-se, inclusive, um filme sobre montanhismo cujo título era, exatamente, “a conquista”. A história da película consiste em “três amigos cariocas, praticantes de alpinismo, [que] têm como desafio inaugurar uma nova rota de escalada”<sup>2</sup>. O documentário conta com o depoimento de expoentes do montanhismo brasileiro (quase todos adeptos da escalada tradicional). Para esses praticantes a adoção do termo “conquista” como vocabulário elementar no universo do montanhismo, usado para descrever “o desafio de inaugurar uma nova rota de escalada”, sequer produz algum tipo de polêmica. Não é raro ouvirmos alguns deles se referirem a esse tipo de situação – a conquista de uma nova montanha – como a “quintessência do montanhismo”. Nesse filme, escaladores que se dedicam a esse tipo de atividade em especial são apresentados como “conquistadores”.

Se quiséssemos buscar exemplos para além das fronteiras nacionais, poderíamos mencionar o famosíssimo livro de Lionel Terray, *Les Conquistants de l'inutile* (Os **conquistadores** do inútil), talvez um dos mais influentes livros do montanhismo, que até os dias de hoje se mostra capaz de mobilizar o imaginário de escaladores do mundo inteiro<sup>3</sup>. No mesmo sentido, temos ainda a famosa declaração de Edmund Hillary, que depois de ter chegado ao topo do Everest em 1953, teria se voltado para George Lowe, já no acampamento base, e dito: “Pronto George, liquidamos o filho da mãe”. De maneira análoga poderíamos citar parte de um texto de autoria da escaladora Iclea de Lemos Freixo (1971), sugestivamente intitulado “Vencer”, onde se lê:

Por mais íngrime que seja a escalada e, apesar dos múltiplos obstáculos, o montanhista de fibra não desanima em meio da jornada. Visando a alcançar o objetivo, ele caminha sempre, tropeçando aqui, esguiando-se acolá, alçando-se mais adiante sem jamais ter um só momento de fraqueza, porque vai de encontro ao seu ideal. Nada deterá o destemido excursionista na sua ascensão e, sobrepujando o topo da montanha, terá afinal concretizado o seu sonho e vencido a Natureza numa batalha empolgante (p.17).



Só para expandirmos os exemplos um pouco além do montanhismo, e abarcarmos as atividades na natureza em geral, cita-se a pesquisa de Fabiana Souza (2004) sobre os praticantes de rafting. Suas conclusões afirmam que:

O discurso desses praticantes de rafting tem como marca a força, o poder, a luta para se alcançar o que se quer. No imaginário desses atores, o rio precisa ser vencido, pois ele representa uma força superior, engolidora, e que será abatida por eles através da cooperação de todos da equipe e, também com a utilização de sua arma, o remo (p.119).

Todo esse linguajar – diferente do grupo australiano analisado por Kiweia – parece indicar uma representação que evoca sentidos de dominação, de modo que para muitos escaladores tradicionais, o ato de subir uma montanha continua sendo um esforço de conquistar e domar as imponderáveis forças da natureza.

Nesses casos, temos a representação de uma natureza vivificada e que deve ser combatida. A natureza parece não ser tão dimensionada como uma parceira, se não como uma adversária. Mas ser adversário, nesse caso, não significa, por outro lado, ser um inimigo. Isto é, o confronto não implica, necessariamente, relações desrespeitosas. Pensemos sobre as condutas esportivas de outras modalidades. A adoção do fair-play, por exemplo, deixa claro que o conflito, o combate ou o confronto são elementos miméticos ou ritualísticos, onde seria um tanto exagerado apreende-los de forma literal. É perfeitamente possível que lutadores de vale-tudo estabeleçam relações de amizade fora do *octagon*.

Então, afinal, o montanhismo estimula uma atitude de conflito ou de interação com a natureza? Essa não me parece ser a melhor maneira de colocar a questão. Convívio e dominação; conquista e cooperação, talvez não sejam termos diametralmente antagônicos. É possível que haja algum tipo de interseção, negociação e mesmo ambigüidade entre esses termos de forma que não haja um sentido absoluto. Nesse caso, o montanhismo apresentaria sempre um duplo sentido. Ao mesmo tempo em que se encontram ideais de “comunicação”, tem-se também alguns valores de dominação (ou competição se quisermos uma analogia menos agressiva).

Desse modo, a noção de que “o enfoque tradicional no conflito com os outros foi transformado em uma luta pessoal para transpor o próprio medo e escalar com êxito” (Kiweia, 2006, p. 170) deve ser somada ao entendimento de que **também** existe a possibilidade do alvo do conflito se deslocar para a natureza. O montanhismo pode até mesmo ter o foco de competição voltada para adversários antropomórficos, tal como nos esportes mais convencionais.

Quando o empresário norte-americano Dick Bass iniciou seu projeto de escalar a montanha mais alta de cada continente (os sete picos) ele tomou conhecimento que Patrick Morrow iniciava um projeto semelhante. A partir daí Bass se lançou numa verdadeira corrida contra o relógio a fim de cumprir seus objetivos antes de Patrick e, dessa forma, garantir ser ele próprio a primeira pessoa a realizar tal proeza. Antônio Paulo Faria (2006) relata que certa vez planejara abrir uma nova linha de escalada no Morro dos Cabritos, localizado em Teresópolis, interior do estado do Rio. Entretanto, antes de pôr seu plano em prática ficou sabendo que um grupo de escaladores havia se lançado na mesma tarefa. Nas suas palavras: “Senti um certo ciúme e resolvi tirar o projeto do papel e coloca-lo na pedra. Convidei o Renato Estrella para fazer a conquista e entrei num tipo de competição, no bom sentido, para ver qual ficaria pronta em primeiro lugar” (p. 147). Lynn Hill, referindo-se ao famoso escalador norte-americano John Long, diz que: “era una persona muy competitiva, siempre quería ser el primero, el más rápido, le gustaba la dificultad concentrada” (Desnível, 2001).

Entre certos grupos de escaladores há um forte sentido de rivalidade, ora mais, ora menos declarada. Existem também certas maneiras de se praticar o montanhismo (e referindo-se exclusivamente ao montanhismo tradicional) que não são motivadas apenas pela busca da interação com a natureza. Ou ao menos não o são fundamentalmente.

A escalada em velocidade é um exemplo disso. Nesse tipo de escalada, busca-se escalar um determinado trecho da maneira mais rápida possível. Essa maneira de conceber a

escalada mais lembra a busca do recorde do que àquela romântica noção de fusão com a natureza. Certa vez, um escalador carioca adepto dessa maneira de realizar escaladas disse-me que “costumava escalar tão rápido que praticamente não tinha tempo de apreciar a paisagem”. Mais do que isso, chegara mesmo a sugerir que a apreciação da beleza cênica, embora atraente, não constituía a motivação principal. Ao contrário, nas suas palavras, “importa a escalada pela escalada”.

Depois que as montanhas mais cobiçadas foram escaladas pelas rotas mais difíceis, sem oxigênio, solitariamente, sem uso de corda, já não resta feitos heróicos a serem realizados. E o montanhismo é um esporte, a exemplo dos demais, onde a construção de ídolos e celebridades passa pela realização de feitos e proezas. Como nos fala Jon Krakauer (2006) “as figuras mais celebradas do esporte são sempre aquelas que mais arriscam seu pescoço e saem vencedoras” (p. 272). “Uma pessoa costuma entrar para a mitologia do montanhismo graças a façanhas de desafiar a morte no Himalaia, no Alasca, nos Alpes, ou nas imensas paredes de granito de Yosemite” (Krakauer, 1999, p. 32).

Agora, os montanhistas que desejem entrar para o seletto grupo dos escaladores de classe mundial têm que se concentrar em escalar o maior número de montanhas no menor tempo possível. É esse um dos últimos desafios do montanhismo. Lynn Hill, que já era uma escaladora bastante conhecida, se projetou ainda mais quando, pela primeira vez na história, escalou “o Nariz” do El Capitan em menos de 24 horas. Onze anos depois, em outubro de 2005, a equipe de Tommy Caldwell consagrou-se irrefutavelmente na galeria da fama do montanhismo internacional quando realizaram a mesma escalada em apenas 12 horas.

Ainda que esses últimos exemplos digam respeito a um grupo muito seletto de esportistas (de alto nível), não se pode negar que essa maneira de conceber a prática do montanhismo também é apreendida pelos “escaladores de fim-de-semana”.

### **3- O desejo elevado de proteger o ambiente natural**

Até agora, me esforcei para chamar atenção da presença de uma certa pluralidade de sentidos no montanhismo. E ainda sob esse aspecto, também podemos evocar os exemplos citados por Kiweia ligados ao “desejo de que as montanhas não sejam perfuradas”. Segundo a autora, teríamos nisso mais um indício que confirmaria que os sentidos atribuídos à escalada pelos próprios escaladores estão mais vinculados a uma lógica comunicativa. Nesse caso, através do estabelecimento de uma comunicação mais relacional com os elementos da natureza. Tendo o respeito pela vida humana como uma das características que definem o ser heróico, Kiweia ainda argumenta que escaladores transferem esse respeito e preocupação aos cuidados com a natureza e nesse sentido reescrevem o sentido do que é ser heróico. A montanha não é concebida como um mero instrumento para a realização das suas diversões. A preocupação em não perfurar a rocha evidencia a apreensão da montanha como um organismo vivo, um ser que deve ser respeitado (e preservado) pelo que é, e não pelo quão útil pode ser. Além desse tipo de cuidado, iniciativas preservacionistas encabeçadas por certos grupos de praticantes de esportes de aventura tem sido apontadas como expressão desse mesmo tipo de valor. Barbara Humberstone (2006) menciona o caso de windsurfistas do Reino Unido que criaram a “Surfers Against Sewerage”, grupo ambientalista que condena o despejo de lixo nos oceanos. A esse exemplo, poderíamos acrescentar ainda o dos surfistas que também tem uma organização internacional destinada a desenvolver ações que preservem os oceanos: a “Surfrider Foundation”. Uma dessas ações é o “Crystal Surf Day”, o dia mundial de limpeza das praias. Programado para acontecer sempre no último sábado de verão no hemisfério norte, a iniciativa se propõe a devolver as praias ao seu estado natural após a temporada de calor.

No Rio de Janeiro, mais pontualmente, a “Surfrider Foundation Brasil” e “Associação de Surfistas e Amigos de Grumari” (ASAG) já realizaram ações colocando placas educativas nas praias, plantando árvores ou recolhendo lixo. Ainda no Rio, surfistas já chegaram até

mesmo a se mobilizar para criar uma área de preservação ambiental num trecho da orla da cidade<sup>4</sup>. Sem mencionar as manifestações denunciando a poluição das praias e exigindo medidas do poder público, como aconteceu em São Conrado (O Globo, 07/03/2005, p. 16).

Os montanhistas também são bastante engajados em iniciativas desse tipo. Em 1986, por exemplo, um trabalho de mutirão entre os clubes de montanha do Rio de Janeiro realizou uma limpeza na Pedra da Gávea. A quantidade de lixo recolhido era tão grande que se utilizou um helicóptero para retirar o lixo recolhido (Faria, 2006). Em 1989, escaladores mineiros e cariocas uniram forças para impedir a atuação de uma mineradora no Morro da Pedreira, um maciço de mármore nas imediações do Parque Nacional da Serra do Cipó, em Minas Gerais. A mobilização - que viajou a Brasília e chegou a se encontrar com o presidente do Ibama - se auto-intitulou movimento Pró Morro da Pedreira. O movimento, que conseguiu a criação da “Área de Proteção Ambiental do Morro da Pedreira”, teve ainda como desdobramentos a criação do Grupo Ação Ecológica (GAE), um grupo ambientalista formado basicamente por montanhistas e que foi fundado, inclusive, na sede social do Centro Excursionista Guanabara, no Rio de Janeiro. Até os dias de hoje montanhistas continuam, através do GAE, realizando protestos e outras ações pró-ativas<sup>5</sup>.

Ainda entre os montanhistas cariocas, também se pode testemunhar aulas oferecidas durante o “Curso Básico de Montanhismo” que tem no reflorestamento uma das temáticas principais. Do mesmo modo, em eventos promovidos pelas instituições e mesmo pelos clubes de montanhismo salta aos olhos a maneira como esses esportistas se associam aos discursos verdes. Na abertura da Temporada de Montanhismo do Rio de Janeiro, por exemplo, ofereceu-se um significativo destaque na divulgação de iniciativas com o objetivo de promover a “conduta consciente em ambientes naturais”. “Dentre os praticantes predomina um pacto ecológico, ao menos oficialmente, ou seja, é essa a postura das associações, que em todo

momento faziam lembrar que no montanhismo reside um ideal de sensibilidade ecológica” (Dias & Alves Junior, 2005, p. 14).

Tudo isso fortalece uma imagem pública que promove esses praticantes e suas associações como adeptos de todo um corolário de idéias e práticas ecologistas. O imaginário popular vê nesses esportistas pessoas capazes de se fundirem com as forças da natureza.

Não consigo pensar em algo que se compare ao contato íntimo e desinibido que o surfista tem com a natureza. Talvez por isso, pela intensidade e pela magia desse contato, e pela necessidade constante de desfrutá-lo, aquele que descobre os prazeres do surfe assina um contrato consigo mesmo e com o universo comprometendo-se a preservá-lo (Contino, 2001, p. 73).

Declarações desse tipo não causam nenhuma estranheza. Ao contrário, são essas as representações sedimentadas em torno das práticas esportivas na natureza de forma geral. Seus praticantes são quase sempre vistos e representados como amantes da natureza. No entanto, é difícil dizer a que nível chega essa escala de valores. Vanreusel (apud. Marinho, 1999) já assinalou os limites desses imaginários. Segundo este autor, a imagem de um praticante de esportes ao ar livre mudou: pouco a pouco ele deixa de ser um parceiro da natureza e passa a ser um dos seus adversários. Na metáfora por ele utilizada: ele deixou de ser um Bambi e passou a ser um Rambo.

Da minha parte, acrescentaria que ele não “deixou de ser”. Talvez ele nunca tenha sido. A popularização dessas práticas, dinâmica indissociável do seu processo de comercialização, ensejou formas de apropriação da natureza consideravelmente estereotipadas. Na busca pelo lucro, empresários acentuavam (e acentuam) o artificialismo dos lugares destinados a experiências esportivas em contato com a natureza.

Férias na maior floresta do planeta [...] não significa se embrenhar pela mata e passar apertos. As aventuras vistas apenas em livros de história ou em filmes sobre a região podem ser vividas em confortáveis — e divertidos — roteiros de lazer montados por agências e hotéis (O Globo, 26/01/2006, p.12).

Embora essa citação diga respeito ao “turismo na natureza” – e não é possível fechar os olhos para as diferenças entre o turismo e o esporte – seria no mínimo uma grande

ingenuidade acreditar que os praticantes de esportes na natureza fogem a essas representações. Julgar que certos grupos são capazes de interagir com a natureza de forma mais “autêntica” e menos superficial que outros é bastante problemático. O capitalismo e a sociedade do espetáculo são culturas totais, isto é, seus valores não deixam nada nem ninguém incólume. São modos de organização capazes de influenciar (e não condicionar) tudo, inclusive (e talvez principalmente) os esportes. Aliás, longe de acreditar que certos esportes tenham surgido como “resistência” ao modo de organização urbano-industrial-capitalista – como sugerem alguns quando se referem aos esportes na natureza – prefiro entender que o surgimento de tais esportes é, desde os seus primórdios, a expressão mais acabada desse mesmo modo de organização.

Historicamente, o desenvolvimento do campo esportivo sempre esteve articulado com uma ampla cadeia de oferecimento de produtos e serviços típicos do mundo urbano. O desenvolvimento do ciclismo, por exemplo, sempre esteve ligado a comercialização de bicicletas, pneus de borracha e venda de jornais. Aliás, a criação de algumas provas tradicionais do ciclismo, como o *Tour de France*, foi mesmo uma iniciativa da família Michelin, preocupada em divulgar seus novos produtos, associados a proprietários de jornais, que interessados em notícias atraentes que estimulassem a venda de jornais, promoveram a competição (Weber, 1998). Da mesma forma, a região de Chamonix, nos Alpes franceses, fora o primeiro lugar a se consagrar entre as pessoas interessadas em subir montanhas, ao mesmo tempo em que também fora o primeiro lugar a ter um centro de informação turística (ibid.).

Com isso, quero chamar atenção para o fato de que a organização de um mercado ao redor dessas práticas não é um fenômeno recente. Ao contrário, trata-se de algo presente muito precocemente nesse tipo de atividade. E a comercialização dos símbolos da natureza está fortemente vinculada ao processo de artificialização dos comportamentos na natureza e

dos espaços da natureza. Em resumo, artificialização e comercialização são categoriais absolutamente integradas ao processo de criação desses símbolos esportivos.

A noção de que através desses esportes (ou de quaisquer outras vivências na natureza) se desenvolve uma postura de amor pela natureza é algo bastante romantizada. Em primeiro lugar porque, na prática, a maioria dos lugares concebidos como “naturais” não passa de uma simulação. No limite, são lugares devidamente domesticados e que oferecem razoável estrutura turística. Para além do exemplo dos passeios na Amazônia, poderíamos citar excursões a Fernando de Noronha regados a champanhe ou acampamentos no Jalapão com colchões infláveis, banheiros químicos portáteis e cardápio com crepe flambado (O Globo, 26/01/2006, p.12). Se quiséssemos, poderíamos mencionar, para exagerar, até mesmo as viagens ao Everest. Representado como um dos lugares mais inóspitos e remotos do planeta, a estadia na montanha chega ao limite do que poderíamos chamar de conforto.

Em contraste absoluto com a aspereza do meio ambiente, havia uma infinidade de pequenos confortos [...] nosso refeitório, uma imensa barraca de lona, fora equipado com uma enorme mesa de pedra, um aparelho de som, uma biblioteca e iluminação fornecida por energia solar; a barraca adjacente, que funcionava como centro de comunicação, abrigava um telefone e um fax operando via satélite [...] o fato de minha mulher pudesse discar um número de treze dígitos em Seattle e conversar comigo no Everest era espantoso para mim (Krakauer, 2006, p. 70 – 94).

Mesmo quem se dirige a esse tipo de lugar, tido como um dos recônditos mais afastados do planeta, parece não querer abrir mão das benesses da civilização. Sandy Pittman, na sua tentativa de escalar o Everest, levou consigo uma televisão portátil, um videocassete, dois laptops IBM, uma impressora, uma câmera de vídeo, três máquinas fotográficas de 35mm e, é claro, uma máquina de café expresso (Krakauer, 2006).

No longínquo Kiliminjaro:

Cada casal tinha barraca privativa com camas estreitas de lona, mosquiteiros, tapetes no piso e uma ante-sala extra para a pessoa pendurar roupas e fazer toalete. O dia começava quando alguém do pessoal do serviço levava água de lavar para a bacia portátil na barraca, para a higiene matinal, e cada grupo de duas pessoas tinha uma tendinha portátil própria e barraca-banheiro separada nos fundos. Sempre havia de 25 a 30 nativos africanos no



acampamento para dar assistência, caso a pessoa precisasse de algo adicional. O desjejum era servido na barraca refeitório numa longa mesa coberta por toalha xadrez vermelha: frutas frescas, café do Quênia recém-coado, ovos, lingüiça, presunto, bacon. Depois eles embarcavam num dos veículos de tração nas quatro rodas [...] (Bass, Wells, Ridgeways, 1995, p. 198).

A exemplo do que havia afirmado sobre a comercialização, a estereotipação do comportamento na natureza é praticamente inerente a essas atividades. No início do século XIX a rainha Maria Antonieta freqüentava uma casa de verão, em Versalhes, que simulava uma aldeia normanda e era dotada de vários artifícios para “imitar” uma paisagem natural. Nas duas viagens anuais que fazia ao local, tentava “fazer de conta que era uma camponesa, tomando sorvete numa mesa de mármore, colhendo flores no jardim ou segurando uma vara de pescar na beira do lago artificial” (Rybczynski, 2000, p.149).

Com relação especificamente a prática esportiva, pode-se citar os comentários de Krakauer sobre a explosão demográfica das montanhas a partir do surgimento de novos materiais, que facilitam enormemente o trabalho de escaladores. Nesse sentido, o autor dá o exemplo da primeira ascensão a *Aiguille du Grepon*, na França.

Em 1881, quando Albert Mummery, Alexander Burgener e Benedict Venetz venceram a assustadora Aiguille du Grepon, o feito foi considerado sobre-humano. No entanto, num momento visionário após a escalada, Mummery previu que seria apenas uma questão de tempo Grepon perder sua reputação de escalada “mais difícil nos Alpes” e passar a ser considerado “um passeio para senhoras” (Krakauer, 1999, p. 111).

A partir dessas evidências é que afirmo que provavelmente o praticante de esportes na natureza, e especialmente os montanhistas, nunca tenham sido “amantes da natureza”. Ao menos não da forma idealizada como costuma se apresentar. Não é por acaso que todas as iniciativas ambientalistas desenvolvidas pelos atletas da natureza estão sempre circunscritas a um território muito bem delimitado, qual seja, aquele utilizado por eles próprios para suas atividades. Os surfistas-manifestantes da praia de São Conrado, que freqüentam e usufruem assiduamente o local, não pareciam estar muito preocupados com os baixíssimos níveis de balneabilidade de praias vizinhas, como as da baía de Guanabara. Praias como as de Botafogo

e do Flamengo, sabidamente muito mais degradadas do que quaisquer outras, não tem ondas, nem freqüentadores e tampouco defensores.

No montanhismo, devemos destacar que o Morro da Pedreira é visto como um lugar que tem “uma série de paredes boas para escalar”. No mesmo sentido, “o desejo de que as montanhas não sejam perfuradas” somente é exequível a partir da utilização de materiais de proteção e de segurança muito específicos. É esse o caso dos equipamentos móveis. Esses equipamentos, que não são fixados na rocha, dispensam, obviamente, o processo de perfuração. A questão é saber em que medida a motivação para a utilização desses aparelhos se encontra na preservação das montanhas. Isso porque o uso desse tipo de material, além de não perfurar a montanha, permite ao escalador uma liberdade de movimentos muito maior e nesse sentido, intensifica também o sentido de aventura.

Em outras palavras, a evolução da escalada que não perfura as montanhas através da utilização de equipamentos móveis, também está ligada ao surgimento de uma mentalidade que valoriza a prática da escalada como uma maior liberalização dos movimentos do corpo e de uma crescente busca por desafios. Um adepto dessa forma de escalar resume assim os princípios desse tipo de escalada: “sempre que possível usar um equipamento móvel que deixa menos impacto na pedra, e quando não for possível usa o grampo mesmo e pronto”.

No entanto, há que destacar também que os procedimentos envolvidos na utilização de materiais de proteção que não perfuram a montanha, ou seja, os móveis, exigem uma certa sensibilidade do escalador. Nesses casos, o montanhista precisa ter condições de avaliar as condições e o estado em que se encontra a rocha. A maioria dos acidentes com esse tipo de escalada está ligada à má colocação das proteções, isto é, a incapacidade do escalador em “perceber a natureza”.

Os esportes praticados em contato com a natureza exigem realmente uma capacidade de interpretação contínua do ambiente natural, uma capacidade de se comunicar mais intensamente com a natureza. Mas não me parece adequado superestimar essas características.

As tentativas deixam perceber um esforço para se fundir com o mundo através de uma vontade tenaz, atingindo, assim, de forma provisória, um estado de equilíbrio em que o homem do “eu...” se sente imerso no cosmo. Mas está fora de questão que ele não volte ao “eu...” (Le Breton, 2006, p. 105).

Em última instância deveríamos nos perguntar sobre a dimensão ética presente nas declarações públicas e iniciativas desenvolvidas pelos praticantes de esportes na natureza. Em que medida a preservação ecológica de certas áreas é motivada pelo interesse em sua exploração esportiva? Em que medida o “desejo de não perfurar montanhas” expressa a concepção da natureza como um palco para as aventuras esportivas? Até que ponto o desejo de preservar as montanhas supera o sentido instrumental de apropriação dos recursos naturais, reproduzindo ou contestando a velha máxima da racionalidade instrumental que entende que: enquanto for útil deve ser preservada? O montanhista Antônio Paulo de Faria (2006) prefere acreditar num “papel ambíguo dos montanhistas”.

### **Conclusões**

Tudo o que foi dito até agora teve um único objetivo: assinalar que os comportamentos dos membros destas comunidades podem ser plurais e significativamente diferentes. Mesmo dentro do grupo dos “escaladores tradicionais” salta aos olhos a diversidade de representações possíveis. Aliás, até mesmo o entendimento do que é a escalada tradicional varia consideravelmente de acordo com as regiões onde se busca essa definição.

Conforme já assinalara Stinger (2002), o esporte não tem um sentido unívoco. O montanhismo, como uma prática cultural transnacional, não é uma entidade homogênea, não é um bloco monolítico. Existem diferenças muito significativas entre o modo deste esporte se manifestar e se organizar na Austrália, na China, no Brasil ou na Bolívia. Isto se deve as

dinâmicas pelas quais esse esporte foi introduzido e desenvolvido em cada um desses contextos, bem como pela forma como os valores impressos nessa prática se combinaram com traços culturais de cada um dos novos contextos onde ele foi inserido e/ou apropriado.

Essa diferença de sentidos não se esgota em uma ou duas questões. Não se trata apenas de demarcar os recortes de classe, de gênero ou mesmo de etnia. Caso contrário, poderíamos especular que o montanhismo dos países “em desenvolvimento” é diferente do montanhismo dos países desenvolvidos, mas que cada um desses blocos guardam similaridades entre si.

O problema é que sabemos que os principais traços definidores do montanhismo na Inglaterra diferem tremendamente dos traços definidores do montanhismo na França, que por sua vez, diferem do montanhismo nos Estados Unidos, mostrando que similitudes no nível de desenvolvimento socioeconômico não correspondem, necessariamente, a similitudes no desenvolvimento de práticas culturais específicas. De maneira análoga, temos o caso dos países sul-americanos, onde Argentina, Bolívia e Brasil, por exemplo, apresentam um *modus operandi* na montanha pouco afeitos uns aos outros. Para complexificar ainda mais, poderíamos dizer que cada um desses países apresenta uma diversidade enorme nas maneiras de se dimensionar a prática desse esporte, onde seria bastante delicado falar de um montanhismo inglês, um outro francês e assim por diante.

No mesmo sentido, é difícil dizer que a diferença do montanhismo se esgota nas diferenças entre homens e mulheres. É perfeitamente possível que escaladores ou escaladoras de um mesmo sexo, de um mesmo país ou de um mesmo círculo de relações, encarem estas atividades de modo singular.

A maneira como cada escalador ou escaladora dá sentido às suas experiências esportivas - ou as opções preferências acionadas ao longo dos períodos de prática - são bastante pessoais. Esse nível de subjetividade traz a necessidade de se considerar a pluralidade e multiplicidade de sentidos possíveis às representações desses esportistas. Ou

seja, devemos tentar compreender a experiência dessas atividades à luz da diversidade de grupos envolvidos nessas atividades. A heteronomia do esporte e especificamente do montanhismo, deve ser apreendida como uma “estrutura-estruturante”. E no sentido de (re) considerar a complexidade colocada por essa condição é fundamental assinalar, tal como já sugerira Alabarces (1998), “os lugares onde a ambigüidade se faz presente”, pois são nas ambigüidades e interseções, nos desvios e fragmentos, nas fissuras e contradições que os significados se fazem ouvir (ibid.).

Assim, existe uma infinidade de circunstâncias que devem ser consideradas no momento de se observar e analisar tais representações. Essas circunstâncias serão fatores determinantes nos resultados e certamente não se esgotam na diferenciação entre escaladores tradicionais e escaladores não tradicionais, escaladores e escaladoras, montanhistas do Primeiro Mundo e montanhistas do Terceiro Mundo.

O que fiz aqui foi simplesmente escolher algumas questões levantadas pelo artigo de Jackie Kiweia para exemplificar a ambigüidade e a polissemia de discursos sobre o montanhismo. E, embora a autora não apresente em nenhum momento a ambição de que suas conclusões assumam um caráter explicativo mais geral, o simples fato de se referir “a escalada”, permite-nos questionar o quão matizado são essas análises. Além do mais, mesmo sem anunciar, uma prática científica que se preze está sempre comprometida com a lógica, com a imparcialidade, com a fundamentação empírica e, finalmente, com a abrangência e alcance de suas conclusões, do contrário, sequer faria jus a esse nome.

Então, o quanto à prática do montanhismo atual re-configura a representação de herói, de masculinidade ou de relação homem-natureza? O mundo esportivo não é um universo simbólico de ordem pura e perfeita, capaz de desenvolver de maneira implacável suas próprias lógicas - quer estas lógicas sejam de uma possível re-integração com a natureza, quer sejam de uma reprodução dos princípios de uma racionalidade instrumental. Em suma, penso

que no montanhismo há sempre (e no mínimo) um duplo foco: um no relacionamento estratégico e outro no comunicativo. O montanhismo, dentro da sua complexidade e variabilidade, pode estar, a um só tempo, a favor e contra o ideal heróico tradicional. Ele pode estar, simultaneamente, concentrado no individualismo e nos relacionamentos estratégicos formados em um molde de dominação, bem como nas cooperativas relações de amizade fundadas sob os auspícios de um “agir comunicativo”.

Na medida em que essas práticas mesclam uma série de elementos simbólicos de forma original, apreender tal ou qual aspecto da sua constituição, depende quase que exclusivamente do ponto de observação do pesquisador. E esse me parece ser um dos grandes desafios atuais lançados aos estudos do esporte.

Nesse quadro, a condução das pesquisas precisa se defrontar com o dilema de, por um lado, abarcar as particularidades culturais e históricas sem que elas deixem de ser particulares, e por outro, fazer com que a análise de diferentes “fenômenos locais” possam iluminar-se reciprocamente, sem reproduzir a esgotada crença que vê o todo como a simples soma das suas partes. No dizer de Boaventura de Souza Santos (2003), o conhecimento tem agora de ser total sem ser determinístico e ser local sem ser apenas descritivo. “É um conhecimento sobre as condições de possibilidade” (p. 77)

A insatisfação com os grandes modelos interpretativos dirigem o olhar dos cientistas sociais para as interações microsociais, mas, sob o risco de se perder de vista interseções deste tipo, ou seja, as interações com as macrotendências. Nesse sentido, a pesquisa científica deve oscilar permanentemente entre a descrição de detalhes particulares e de estruturas globais, entre os pontos de vista individuais e as atitudes mais amplas que os permeiam Deve, enfim, oscilar entre as partes e o todo (Geertz, 1997).

No limite, a compreensão das diversas formas esportivas depende da análise do contexto sociocultural mais amplo em que elas fazem sentido. Logo, a compreensão do

esporte nunca se dá por ele mesmo, sendo a variedade da sua expressão o resultado da variedade de concepções que os próprios esportistas têm sobre como funcionam essas experiências. Isto significa pressupor que determinadas formas de manifestação esportiva só fazem sentido em determinados locais. Suas lógicas simbólicas – que existem e são sempre passíveis de interpretação – variam de lugar para lugar, dependendo da maneira como os esportistas representam-nas. Logo, o desafio me parece ser o de entender a estrutura dos conflitos e das negociações (Canclini, 1995), ou ainda, os processos de apropriação que cada grupo (de cada lugar) põe em prática na sua forma de praticar cada um dos esportes eleitos para o seu lazer. Perseguir essas interseções pode ser um esforço no sentido de capturar essas “estruturas dos conflitos e das negociações” de que fala Canclini.

Mas, preconizar a diversidade não significa abrir mão das possibilidades explicativas, pois, como dizia Emile Durkheim, uma ciência só é ciência na medida em que explica, e só explica na medida em que compara. É nesse ponto que as reflexões levantadas por Jackie Kiweia exibem sua utilidade. Deve-se dizer, para além de tudo, que a leitura deste trabalho tem, no mínimo, um poderoso valor heurístico. O principal risco é que tais reflexões sejam apreendidas no Brasil de uma maneira excessivamente linear, tal como já ocorreu em outras ocasiões<sup>6</sup>. Ensaiai possibilidades e alternativas já parece, por ora, significativo.

### **Referências bibliográficas**

ALABARCES, Pablo. Fútbol y academia: recorrido de un desencuentro. In: ALABARCES, Pablo, DI GIANO, Roberto, FRYDENBERG, Julio (orgs.) Deporte y sociedad. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

ARBENA, Joseph. History of Latin American sports: the end before the beginning? *Sporting Traditions*, v.16, n.1, nov./1999.

BASS, Dick; WELLS, Frank; RIDGEWAYS, Rick. Sete picos. São Paulo: Marco Zero, 1995.

BETRÁN, Javier Oliveira. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane, BRUHNS, Heloisa (orgs.). Turismo, lazer e natureza. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.

CANCLINI, Néstor. Consumidores e cidadãos. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

CLUBE EXCURSIONISTA LIGHT. Boletim informativo. ano 43, n. 356, nov. / dez., 2000.

CONTINO, Gabriel (O pensador). Diário noturno. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

DESNÍVEL. Detener la emoción: entrevista a Walter Bonatti. Madrid: Ediciones Desnivel, n. 146, fev. 1999.

\_\_\_\_\_. La escalada según Lynn Hill. Madrid: Ediciones Desnivel, n. 174, jun. 2001.

DIAS, Cleber; ALVES JÚNIOR, Edmundo. Abertura da temporada 2005 de montanhismo no Rio de Janeiro: notas etnográficas. Arquivos em movimento: Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ. v. 2, n. 1, 2005.

\_\_\_\_\_. Conceptual notes regarding the sports in nature. The FIEP bulletin, v. 76, p. 141-144, 2006a.

\_\_\_\_\_. Esporte, cidade e natureza: um estudo de caso. Licere, Belo Horizonte, v.9, n.1, 2006b, p. 37 – 53.

FARIA, Antônio Paulo. Montanhismo brasileiro: paixão e aventura. Rio de Janeiro: Montanhar, 2006.

FREIXO, Iclea de Lemos. Vencer. In: CENTRO EXCURSIONISTA BRASILEIRO. Boletim Informativo, n. 290, set./out., 1971, p. 17.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, Vozes, 1997.

HUMBERSTONE, Bárbara. Recriação e conexões na – e com a – natureza: sintetizando a praxe e os discursos ecológicos e feministas. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa. Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza. Barueri: Manole, 2006, p. 74 – 93.

KIEWA, Jackie. Reescrevendo o script heróico: relacionamentos na escalada. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloísa. Viagens, lazer e esporte: o espaço da natureza. Barueri: Manole, 2006, p. 150 – 177.

KRAKAUER, Jon. Sobre homens e montanhas. 2. reimp. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

\_\_\_\_\_. No ar rarefeito. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MARINHO, Alcyane. “Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza”. Conexões: educação, esporte, lazer. Campinas (SP): Faculdade de Educação Física da Unicamp, v.1, n.3, p. 33-41, dez/1999.



MONTEIRO, Sandoval. Modernidade, formas de subjetivação e amizade: potencialidades das experiências de lazer e aventura na natureza. 143p. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

O GLOBO. Surfistas protestam contra esgoto em São Conrado. Rio de Janeiro, 07 de março de 2005, p. 16.

\_\_\_\_\_. Na selva, mas sem sustos. Rio de Janeiro, caderno Boa Viagem, p.12-15, 26 de janeiro de 2006.

RYBCZYNSKI, Witold. Esperando o fim de semana. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Fabiana R. de. O imaginário no rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem. São Paulo: Zouk, 2004.

STTIGER, Marco Paulo. Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados/CBCE, 2002.

WEBER, Eugen. França fin de siècle. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

### **Dados do autor**

Cleber Augusto Gonçalves Dias

Pesquisador do “Grupo de pesquisa Anima: lazer, animação cultural e estudos culturais” (UFRJ) e aluno do “Programa de Pós-Graduação em História Comparada” (IFCS / UFRJ). Endereço: Rua Otávio de Souza, lote 12, casa 1, quadra D, Campo Grande. CEP: 23087 – 030.

### **Notas**

---

<sup>1</sup>. Kiweia aponta o respeito pela vida humana como um dos atributos principais do herói.

<sup>2</sup>. A direção é de Gustavo Sampaio e a citação foi extraída da sinopse vinculada no folder da 6ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha realizada no Cine Odeon do Rio de Janeiro, onde o documentário participava na Mostra Competitiva, onde, aliás, foi o vencedor.

<sup>3</sup>. A primeira edição, em francês, foi lançada em 1961 pela editora Gallimard. Desde então, foi traduzido em diversos idiomas, entre os quais, o inglês, o espanhol e o português, tendo sido, em alguns casos, reeditado várias vezes. Em 1966, Marcel Ichac, o famoso cineasta das montanhas, fez sua adaptação para o cinema. No ano seguinte o filme foi exibido na mostra não-competitiva do Festival de Cannes.

<sup>4</sup>. Trata-se de uma mobilização que ocorreu contra construções de edifícios na Prainha. A ação comprou o trecho que seria utilizado para as tais construções e o transformou em Parque Municipal. Atualmente, toda a região corresponde a “Área de Preservação Ambiental da Prainha”. Nesse empreendimento o grupo de surfistas foi, provavelmente, o mais ativo e engajado. Não por acaso, a “Associação de Surfistas e Amigos da Prainha” tem sua sede dentro do Parque Municipal.

<sup>5</sup>. Nos boletins informativos dos clubes de montanhismo é possível ver alguns exemplos. “Montanhistas dos clubes do Rio de Janeiro e das escolas de escalada, ambientalistas, ONGs, dirigentes de parques, gestores de meio ambiente e amantes da natureza em geral se reuniram no dia 22 de outubro para protestar contra o fechamento do acesso à trilha horto-corcovado” (Clube Excursionista Light, 2000, p. 1).

<sup>6</sup>. Estou me referindo aqui, nomeadamente, ao conceito AFAN. No meu entendimento, trata-se de um exemplo emblemático dos problemas que apreensões lineares e importações arbitrárias podem causar. A noção de “Atividade Física de Aventura na Natureza” (AFAN) é de autoria de Javier Oliveira Bétran (2003). Através deste conceito, o autor buscou uma definição mais precisa para práticas desenvolvidas em contato com a natureza.

---

Baseado na observação do campo turístico tentou-se extrair um conjunto de princípios elementares que pudessem descrever as características do fenômeno da busca da natureza para o lazer. Da minha parte, continuo julgando que a aplicação desses fundamentos tipológicos ao mundo dos esportes é bastante complicada. Só pela peculiaridade da sua construção conceitual estar ancorada sob circunstâncias muito diferentes daquelas especificamente esportivas já seria suficiente para causar alguns inconvenientes. Sabemos bem como pode ser inadequada a transferência de conceitos de um contexto muito específico (como é o turismo) para outros. A empresa de classificar coisas tão diferentes sob um mesmo conceito só é possível a partir de categorias totalmente abstratas e, portanto, sem qualquer significado, onde a principal qualidade científica do empreendimento se resume a sua inutilidade. Apesar disso, o conceito segue sendo adotado no Brasil para a definição e para o estudo de práticas esportivas (desenvolvidas na natureza). Pior ainda, são raras às vezes em que os pressupostos desta formulação conceitual são discutidos em profundidade.